

Traços da oralidade em gêneros discursivos escritos na/da web

*Orality features in written
speech genres on/of the web*

406

Leiliane Aquino NORONHA (UERN/UFERSA/IFRN)

leiliane.aquino@yahoo.com.br

Elaine Cristina FORTE-FERREIRA (UFERSA)

elaine.forte@ufersa.edu.br

Vicente de LIMA-NETO (UFERSA)

vicente.neto@ufersa.edu.br

NORONHA, Leiliane Aquino; FORTE-FERREIRA, Elaine Cristina; LIMA-NETO, Vicente de. Traços da oralidade em gêneros discursivos escritos na/da web. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 406-420, jan./jun. 2017.

Resumo: O objetivo desta pesquisa é discutir como determinados traços típicos da oralidade são recriados e redimensionados para a escrita de gêneros discursivos na/da internet, a partir de diferentes letramentos exigidos para as práticas discursivas na web. Amparamo-nos em Bakhtin (1997), no que toca aos pressupostos teóricos de uma perspectiva sociointeracionista da linguagem; em Marcuschi e Dionísio (2007), para a discussão do que é oralidade; em Bisognin (2008), para a descrição do internetês e suas relações entre fala e escrita, e em Buzato (2007), para letramentos multimodais. Como *corpus*, analisamos 20 exemplares de textos produzidos no Facebook e 20 mensagens trocadas em um grupo de *whatsapp* de que os autores participam, entre os meses de julho de 2014 e dezembro de 2015. Os resultados apontam que há pelo menos quatro grandes elementos da oralidade na escrita de gêneros na/ da web: o ritmo acelerado, as ocorrências não lexicalizadas, as tentativas de marcação de sentimentos e as repetições.

Palavras-chave: Letramentos. Oralidade. Escrita.

Abstract: This research aims to discuss how certain typical orality markers are recreated and adapted to the writing of internet genres from the interlocutor's multimodal literacy. As stated by Marcuschi and Dionísio (2007), there is no supremacy between orality and writing, but specificities that make them different and fundamental within their own scopes. Our theoretical framework is based on Bakhtin (1997) in what regards a social-interactionist perspective of language; Marcuschi (2001; 2003) are our references on the discussion about orality; Bisognin (2008) are our basis in what refers to the description of *internetês* (internet slang) and its relationships between speech and writing; and, finally, the work of Buzato (2007) regarding multimodal literacy. We carried out an analysis of examples of genres produced on Facebook from 2014 until today and print screens of WhatsApp, to discuss a conventional writing that is characterized by multisemiosis. The results reveal that there are at least four great elements of orality in writing: the fast pace, non-lexicalized occurrences, the attempts of expressing feelings and repetitions.

Keywords: Multimodal literacy. Orality. Writing.

Considerações iniciais

Sabemos que, atualmente, vivemos em um contexto social que diariamente sofre influências dos avanços tecnológicos, sobretudo, nos anos entre os séculos XX e XXI, logo parece um tanto evidente afirmarmos que o processo de interação entre os sujeitos na sociedade também vem sendo demarcado por essas influências, já que a relação linguagem-sociedade é inegável diante da perspectiva sociointeracionista (BAKHTIN, 2006) em que nos amparamos e com a qual corroboramos, pois esta perspectiva entende a língua como interação e a linguagem como um fator social.

Diante disso, tomamos o âmbito da internet como cenário geral das nossas inquietações, que, dentre inúmeras outras áreas, também vem passando por diversas transformações, principalmente por seu caráter de beta¹ eterno. No que toca às interações realizadas em ambiente virtual, principalmente em sites de redes sociais ou aplicativos de mensagens instantâneas, percebe-se que tem aumentado o fluxo interacional em outras modalidades da língua² nos últimos anos, não sendo mais possível afirmar com segurança que as práticas de linguagem da internet são, em sua maioria, realizadas pela modalidade escrita da língua.

¹ *Beta eterno*, segundo Primo e Recuero (2006), diz respeito ao software que ainda não conseguiu chegar ao estágio final de desenvolvimento, portanto, está em constante evolução e mudança.

² Veja-se, por exemplo, a popularização da função do envio de mensagem de áudio (portanto, modalidade oral) do *whatsapp* e posteriormente as chamadas por videoconferência (portanto, uma modalidade multissemiótica, audiovisual).

Neste artigo, centramos atenção na biunívoca relação existente entre as modalidades oral e escrita da língua e como elas funcionam harmonicamente juntas em textos de gêneros variados produzidos na web. Objetivamos, portanto, investigar como determinadas marcas típicas da oralidade são recriadas e redimensionadas para a escrita de gêneros na/ da internet a partir dos diferentes letramentos que são demandados para as práticas discursivas que ali se realizam.

Para uma melhor explanação das questões que propomos discutir, este artigo está dividido retoricamente em três partes, além das considerações iniciais e (semi) finais: na primeira, abordamos aspectos que tratam da oralidade e da escrita, dentro de uma dinâmica interacional, ou seja, nosso intuito é refletir sobre ambas, defendendo que, embora sejam modos semióticos distintos e, portanto, apresentam diferentes potenciais para a construção do sentido, é possível verificar que existem traços da oralidade na escrita nesses textos da web que assumem funções discursivas peculiares; na segunda parte, tratamos da escrita que acontece em ambientes digitais, cuja configuração diferenciada de outros ambientes permite a investigação de fenômenos como o internetês; e já na terceira parte, buscamos mostrar quais são as características da oralidade na escrita na internet e as funções discursivas que ali assumem.

Oralidade e escrita na perspectiva interacional: das dicotomias estanques para o *continuum* dinâmico

Ainda que a língua escrita seja a mais estudada, sabemos que é como discurso oral que esse uso passa a ser corriqueiro no dia a dia. Dessa forma, vale destacar que ambas (fala e escrita) têm seus modos próprios de realização, ou seja, “de organizar, desenvolver e manter as atividades discursivas” (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007, p. 15). Mesmo que cada uma tenha suas especificidades, não se pode negar que existe um processo mútuo de influência na produção dessas modalidades em seus diferentes contextos sociocomunicativos.

Coadunando com Marcuschi e Dionísio (2007, p. 15 e 16), podemos destacar que a fala e a escrita

[...] ambas têm um papel importante a cumprir e não competem. Cada uma tem sua arena preferencial, nem sempre fácil de distinguir, pois são atividades discursivas complementares [...] fala e escrita são realizações de um mesmo sistema linguístico de base, mas com realização, história e representação próprias [...] (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007, p. 15 e 16).

Desse modo, não há razão para desprestigiar a oralidade e supervalorizar a escrita ou vice-versa. Cada uma tem um papel importante a cumprir, pois são atividades discursivas complementares, isto é, a divisão dicotômica entre fala e escrita é desnecessária.

Para Marcuschi e Dionísio (2007, p. 21), a única dicotomia (significativa) que distingue fala e escrita é o meio utilizado. Isto significa que uma das formas mais pertinentes de se perceber a relação entre ambas é observá-la como um contínuo de textos orais e escritos, já que esta ligação é apresentada através da produção dos gêneros textuais, ou seja, é um equívoco:

correlacionar a oralidade com a contextualidade, implicitude, informalidade, instabilidade e variação, atribuindo à escrita características de descontextualização, explicitude, formalidade, estabilidade e homogeneidade (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 25).

Assim, refutando a visão dicotômica, têm-se duas perspectivas — *continnum* tradicional e novo *continnum* tipológico. Entre essas visões, é enfatizada a ideia de que a língua escrita e língua oral devem ser lembradas muito mais por suas relações do que por suas diferenças.

Porém, segundo Marcuschi (2001), embora muitos estudos na época tenham tentado desfazer a visão dicotômica entre escrita e oralidade, isso não foi realizado com êxito, pois, em sua concepção, muitos dos equívocos acerca da questão foram mantidos na ideia de um *continnum*, denominado por ele de *continnum* tradicional.

Marcuschi (2001) explica que, na sua perspectiva (novo *continnum* tipológico), os textos são distinguidos e correlacionados, ou seja, existem aspectos da oralidade em muitos textos escritos, assim como existem em textos orais aspectos predominantes da escrita. Essa relação está totalmente dependente dos contextos socioculturais em que os usos da língua estão inseridos no momento de sua efetivação.

Diante dessas considerações, defendemos, assim como Marcuschi e Dionísio (2007), que é importante discutir o papel das modalidades oral e escrita da língua não apenas como ferramenta de comunicação, mas como formas de agir no mundo. Assim acreditamos que não há supremacia entre uma e outra modalidade da língua, mas especificidades que as tornam diferentes e fundamentais dentro dos seus espaços.

Portanto, a partir de uma concepção enunciativa da linguagem, reafirmamos a ideia de um *continnum* imbricado de especificidades entre escrita e oralidade, desmistificando a noção dicotômica entre ambas.

Por acreditarmos que uma modalidade seja a extensão da outra, enfatizamos que, embora elas sejam constitutivas de um mesmo sistema da língua, cada uma tem suas especificidades e funcionamentos, os quais, para serem realizados, ficarão sujeitos a uma série de fatores, como os advindos das mais variadas interações e dos mais diversos contextos. Dessa maneira, concordamos com Schneuwly (2004), no que concerne à multiplicidade dos orais, ao afirmar que:

Não existe “o oral”, mas “os orais” em múltiplas formas, que, por outro lado, entram em relação com os escritos, de maneiras muito diversas: podem se aproximar da escrita e mesmo dela depender – como é o caso da exposição oral ou, ainda mais, do teatro e da leitura para os outros –, como também podem estar mais distanciados – como nos debates ou, é claro, na conversação cotidiana (SCHNEUWLY, 2004, p.114).

Corroboramos com a reflexão mencionada acima no que diz respeito à relação que existe entre gêneros escritos e orais, pois há gêneros, como a peça teatral, que, apesar de serem escritos, são materializados oralmente, quando, por exemplo, alguém representa as falas que antes estavam no papel. As notícias apresentadas pelos telejornais também constituem um exemplo de gênero, que, embora seja inicialmente escrito, é atualizado na modalidade oral, quando os âncoras realizam a apresentação das informações do dia. Já os *chats* (ARAÚJO, 2006) são gêneros escritos que trazem elementos da oralidade, como o uso de frases curtas, repetições, hesitações, marcadores conversacionais, por exemplo. O que se percebe é que a oralidade está bem mais presente em textos na web do que se imagina, como veremos a seguir.

Da escrita na internet

Quando se pensa na escrita e seu uso, é impossível não associá-la à concepção de letramento. Considerando o âmbito de mudanças em que vivemos, principalmente influenciado pelos avanços tecnológicos, é pertinente reafirmarmos a ideia de Buzato (2007), ao destacar que o termo *letramento* já não contempla mais todos os traços que compõem a diversidade de gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos. Logo, a ideia de **letramentos** é que deve ser adota, tendo em vista que os aspectos multimodais são característicos dos diversos textos produzidos em ambas as modalidades da língua. Tem-se, portanto, uma nova categoria de trabalho nos estudos linguísticos: o letramento multimodal.

Essa necessidade de reconhecimento da existência de letramento

multissemiótico ou multimodal está atrelada à produção e à recepção efetiva de textos, demarcados por esses novos contextos em que se inserem. Logo, consciente da dimensão que o circunda, o leitor/produtor de textos passa a refletir criticamente sobre suas interações, já que suas habilidades metacognitivas e metalinguísticas são desenvolvidas (LIMA, 2015, p. 296).

Em se tratando, especificamente, da escrita no âmbito digital, sabe-se que este é um campo de múltiplas linguagens e possibilidades de interação que está repleto de elementos multissemióticos. Disseminado com o surgimento da internet, o chamado *internetês* passou a ser alvo de diferentes pesquisas (ARAÚJO, 2007; BISOGNIN, 2008; KOMESU; TENANI, 2009). Sendo “conhecido popularmente como o português escrito – digitado” (KOMESU; TENANI, 2009, p. 621).

Logo, a interação nesse meio parte das variadas “formas de construção de significados realizados através da multimodalidade e da hibridação de gêneros e as possibilidades de (re) desenhar significados” (OLIVEIRA; SZUNDY, 2014, p. 194). Diante dessa hibridização, as marcas da linguagem oral presentes na escrita da internet são um fator predominante. Bisognin (2008) está entre os primeiros que chegaram à conclusão de que o “internetês é uma escrita com características próprias. Apresenta-se como um registro híbrido, misto de fala e escrita [...]” (BISOGNIN, 2008, p. 18), que acaba por caracterizá-la como uma **escrita fonetizada** (BISOGNIN, 2008). Desse modo, esta se apresenta reforçando a inter-relação existente entre ambas as modalidades da língua. Assim, faz-se necessário considerar as questões expostas, visto que estamos ao tempo todo diante de novas práticas e formas de interação que exigem o entendimento da função dos textos para que seu uso seja efetivado, de acordo como a intenção de seu produtor/receptor.

Komesu e Tenani (2009, p. 624) assumem que:

O internetês é conhecido como forma grafolinguística que se difundiu em textos como chats, blogs e demais redes sociais. Seria uma prática de escrita caracterizada pelo registro divergente da norma culta padrão. [...] A prática da abreviação, o banimento da acentuação gráfica, o acréscimo ou a repetição de vogais, as modificações do registro gráfico padrão, com troca ou com omissão de letras, são alguns dos traços que podem ser observados na ortografia desse (s) texto (s) [...] (KOMESU; TENANI, 2009, p. 624).

Na conceituação das autoras, nota-se que o internetês se

configura por ser uma forma grafolinguística, ou seja, que se utiliza de grafemas. Na escrita alfabética, usada no Português, seriam as letras, portanto. Bisognin (2008) afirma que o internetês é marcado por sinais da oralidade na escrita, posição que corroboramos.

O que vale a pena destacar é que este fenômeno foi bastante estudado na década passada em ambientes digitais que pouco propiciavam composições enunciativas multissemióticas, como os depoimentos do *Orkut* (ambiente da pesquisa de Bisognin (2008) e de Araújo (2008)) e *chats e blogs* (ambiente de Komesu e Tenani (2009) por exemplo). De 2010 para cá, a popularização de diferentes sites de redes sociais, como o *Facebook*, e de aplicativos de mensagem instantânea, como o *whatsapp*, permitiram diferentes enunciados semióticos cuja construção de sentido exige letramentos diversos — principalmente o multimodal —, como no exemplo a seguir:

Figura 1: Trocas de mensagens em grupo de *whatsapp*³



³ Os exemplos que utilizamos do Whatsapp foram obtidos a partir das trocas de mensagens em dois grupos de que os autores participam, um intitulado “LETRAS-UFERSA”, em que constam os professores dos cursos de Letras da instituição; e outro intitulado “ORALE/ GLINET”, constituído pelos membros dos grupos de pesquisa dos autores.

Vê-se que, enquanto em *chats*, depoimentos do *orkut*, *blogs* entre outros, os enunciados eram praticamente veiculados por textos escritos, aplicativos de mensagem instantânea possibilitam a construção de enunciados com o uso de *emojis*⁴, que passam a compor sistematicamente as mensagens. São, portanto, modos semióticos distintos que têm profundo poder de significação, em contextos culturais próprios, que demandam um grau de letramento multimodal avançado para a construção do sentido.

Não podemos defender que isso é novo, afinal, o homem reconhece tais signos desde o período Paleolítico, há pelo menos quarenta mil anos, com as primeiras pinturas rupestres de que se tem notícia, mas o que se tem visto da década de 1990 para cá na *web*, com a mistura de elementos multimodais distintos num mesmo enunciado, clama por atenção. Neste momento, vale a pena dedicar atenção a como a oralidade tem profunda influência nos textos que circulam na internet e como marcas que antes lhe eram típicas têm sido redimensionadas nesse universo.

Traços da oralidade na escrita da web

Para a constituição de nosso *corpus*, coletamos 20 exemplares de textos produzidos no *Facebook*, mais especificamente em duas páginas humorísticas e públicas com alto número de seguidores, uma intitulada *SURICATE SEBOSO* e outra intitulada *BODE GAIATO*, cujos links se encontram nas fontes das figuras e 20 mensagens trocadas em dois grupo de *whatsapp* de que os autores participam, entre os meses de julho de 2014 e janeiro de 2015. Dessa maneira, analisamos a relação existente entre a fala e a escrita da internet, bem como destacamos o modo como os elementos comuns entre ambas são redimensionados, tornando-se particularidades de uma escrita ressignificada.

Como é inviável analisar neste espaço todo o *corpus*, destacaremos exemplos de gêneros produzidos no *facebook* e em telas de *whatsapp*, cuja representação exposta corresponde a um grupo de gêneros investigados e que apresentaram as mesmas características, agrupadas em diferentes categorias, conforme nos mostram as figuras 2 e 3 a seguir:

⁴ Os emojis são os desenhos tratados como extensões da escrita grafocêntrica ocidental, diferentemente dos emoticons, que surgiram no improviso, utilizando-se de caracteres do próprio teclado, como til, parênteses, colchetes, números etc. (SOUZA, 2015).

Figura 2: Memes no Facebook: Imitação de situações de uso real da fala



Figura 3: Meme do Suricate Seboso: Imitação de situações de uso real da fala



Fonte: <https://www.facebook.com/suricateseboso/>

Nas imagens expostas acima, pode-se perceber uma tentativa de imitação de algumas situações de uso real da fala. Essa característica foi observada principalmente pela omissão de letras e pelas modificações gráficas no registro padrão, presentes corriqueiramente no grupo de gêneros analisados. Além disso, podemos destacar ainda os alongamentos de vogais, empréstimos linguísticos, simplificação de dígrafos, retirada de vogais e a permanência em muitos casos das consoantes.

Tais pontos podem ser exemplificados de maneira bem consistente nas figuras 1 e 2, a partir dos termos “**armaria, dúr, rôpa, chegaru, espêi, banhêro, kkkkkkk**” exemplos que demarcam enfaticamente a imitação de uma situação de uso real da fala, redimensionada para o internetês através dos aspectos já ressaltados.

O que se tem, portanto, é uma clara alusão à variante linguística utilizada em algumas regiões do Nordeste brasileiro e, portanto, uma escrita baseada na imitação da fala; uma **escrita fonetizada**. É possível que tais termos não sejam reconhecidos por usuários de outras variantes linguísticas, o que demandaria um esforço cognitivo maior para a construção do sentido do texto. Vejamos as figuras 4 e 5 a seguir.

Figura 4: Ocorrências não lexicalizadas

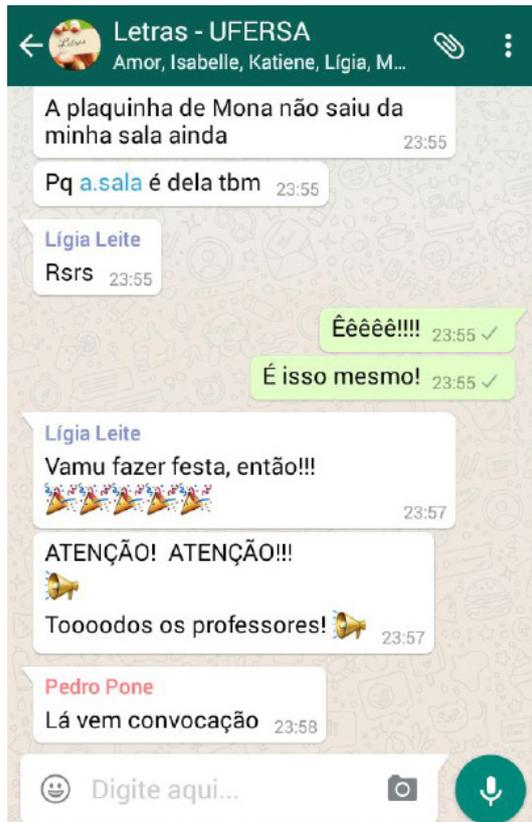
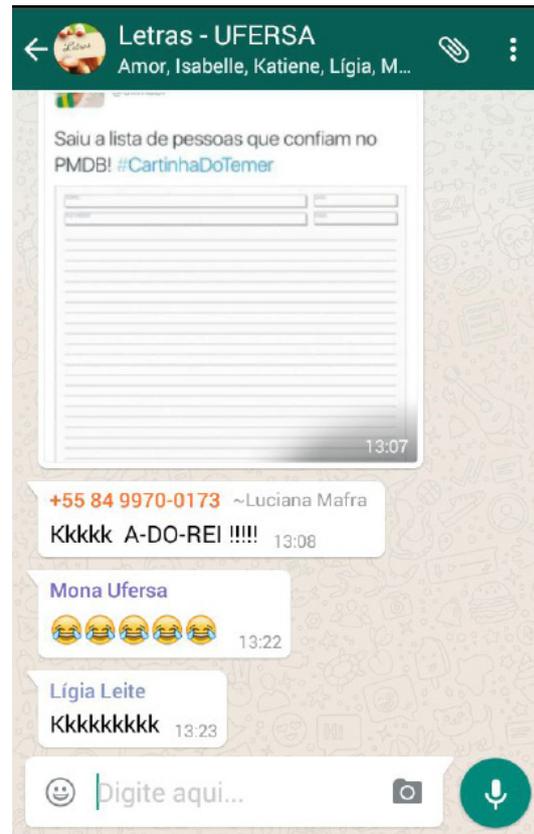


Figura 5: Ênfase da fala na escrita



Nas telas de *whatsapp* analisadas, as **ocorrências não lexicalizadas** foram um aspecto bem recorrente. Foi perceptível, sobretudo, que, além das abreviaturas (“pq”, “tbm”) e repetições (“toooooodos”) que também se encaixam nessa categoria, diferentemente do papel que parece exercer em outras situações, aqui elas assumem enfaticamente uma tentativa de reproduzir os sons da fala. Veja, por exemplo, o turno “kkkkk A-DO-REI”, na figura 4, cuja função discursiva da separação silábica é tão somente imitar o que se faria numa situação de fala espontânea, em que o interlocutor busca enfatizar sua apreciação por algo. Essas questões demonstram, como já disseram Bisognin (2008) e Lima-Neto (2015), que o internetês é um fenômeno em emergência tomado como “**escrita fonetizada ou inferência da fala para a escrita**”.

Outro fator constatado no material estudado foi a **marcação de sentimentos**, através do uso de *emoticons*, conforme nos mostra a imagem adiante. Vejamos a figura 6:

Figura 6: Emoticons e emojis

	:)		:(:P		:D
	:o		;)		8)		8
	>:(:/		:“(3:)
	O:)		:*		<3		^_^
	-_-		o.O		<:o		:v
	(^^^)		:3		:]		:putnam:
	<(")						

Fonte: <https://tiagodarur.com.br/2012/12/02/emoticons-no-facebook-aprenda-como-usar-2/>

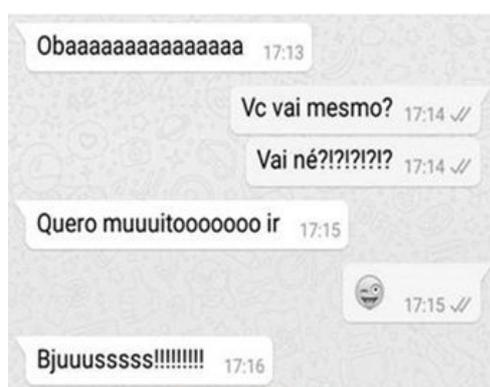
Além das características já destacadas, que são típicas da escrita na *web*, tem-se também o uso rotineiro dos *emoticons*, que é uma “[...] modificação criativa na escrita da língua em ambiente digital, cujas características apontam para uma língua alfanumérica” (ARAÚJO, 2007, p. 28).

Atualmente, o que se tem utilizado com mais afinco são os *emojis*, cuja função discursiva é a mesma dos *emoticons*: imitar a expressão de algum sentimento, revelando a tentativa de representar uma situação espontânea de conversação, que, em uma situação real, é assumida pelos recursos paralinguísticos, como gestos e expressões faciais reforçando ainda mais os traços de união entre as modalidades oral e escrita da língua.

Figura 7: Uso de *emojis* no *whatsapp*



Figura 8: Alongamento de vogais



Nota-se, na figura 7, por exemplo, o uso do emoji 🤪🤪, que representa o sentimento de surpresa do interlocutor. Esses recursos foram paulatinamente substituindo os *emoticons*, para dar mais realidade à expressão da face de uma pessoa. Até mesmo em editores de texto, como o *Microsoft Word*, onde foi escrito este artigo, não é incomum se usar um emoticon como “:)” e a programação do editor o transformar automaticamente num *emoji* ☺. Eis, então, mais um traço do que tem acontecido na escrita em ambiente digital.

Além disso, as **repetições** são outro fator que complementa essa relação: o alongamento das vogais como “xauuuuuu, obaaaaaaa, muuuuitooooo,” esses dois últimos na figura 8, bem com a repetição dos sinais gráficos como: “?!?!?!?!?!?! , ??????????” evidenciam a marcação de uma espécie de entonação na escrita, sendo claramente perceptível uma ênfase na informação repassada, cuja função discursiva é a imitação da fala. Tal aspecto pode ser comparado também com o uso dos recursos prosódicos, como entonação e pausa, característicos da modalidade oral da língua.

Por fim, a característica que atravessa todas as que elencamos aqui é o **ritmo acelerado** da escrita na web. A falta de preocupação com pontuação, acentuação, além do uso de frases curtas e expressivas, com abreviações exacerbadas e substituição de uma linguagem verbal (palavras) por visual (*emojis*) apenas revelam a urgência dos usuários de aproximar o falado do escrito.

Em suma, identificamos cinco categorias cujas características elementares são da oralidade, mas já estão sendo redimensionadas para o escrito na internet: a **escrita fonetizada, ocorrências não lexicalizadas, marcação/ imitação de sentimentos, repetições** e, por fim, **o ritmo acelerado**, que atravessa as outras quatro.

Considerações (semi) finais

Objetivamos, neste artigo, discutir como determinadas marcas típicas da oralidade são recriadas e redimensionadas para a escrita de gêneros discursivos na/ da internet, a partir de diferentes letramentos exigidos para as práticas discursivas na web.

Podemos considerar que o internetês tem como uma de suas características a recriação de marcas típicas da oralidade, que são ressaltadas nos gêneros produzidos na internet a partir das categorias anteriormente exploradas, são elas: escrita fonetizada, ocorrências não

lexicalizadas, marcação/ imitação de sentimentos, repetições e ritmo acelerado.

Logo, as marcas da oralidade são recriadas, redimensionadas e assim (re) significadas, já que estas estão inseridas em um âmbito (web) repleto de influências, sendo estas interpretadas, de acordo com o letramento multimodal de cada leitor/interlocutor ao produzirem seus textos (orais ou escritos).

Referências

ARAÚJO, J. C. O internetês não é Língua Portuguesa? **Vida e educação**, ano 4, n. 13, p. 28-29, mar./abril. 2007.

_____. **Os chats**: uma constelação de gêneros na internet. 341 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da Criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. A interação verbal. In: _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BISOGNIN, Tadeu Rossato. Do internetês ao léxico da escrita dos jovens no Orkut. **Anais Eletrônicos** – 2º Simpósio Hipertexto e Tecnologia na educação: multimodalidade e ensino, 2008. 18p.

BUZATO, Marcelo E. K. Letramentos Multimodais críticos: contornos e possibilidades. **Revista do Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês**, 2007. p. 108-144.

KOMESU, Fabiana; LUCIANI, Tenani. Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da Linguagem. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 621-643, set./dez. 2009.

LIMA, Ana Maria Pereira. O blog escolar e os multiletramentos. In: ARAÚJO, Adriana da Silva; LIMA, Ana Maria Pereira; DUARTE, Antonio Lailton Moraes; LIMA, João Paulo Rodrigues de; (2015); OLIVEIRA, Kátia Cristina Cavalcante de. (Orgs.). **Reflexões linguísticas e literárias**. Fortaleza: HMB-Shopping das cópias, 2015.

LIMA-NETO, Vicente de. Reflexões sobre escrita na era digital. In: ARAÚJO, Adriana da Silva; LIMA, Ana Maria Pereira; DUARTE, Antonio Lailton Moraes; LIMA, João Paulo Rodrigues de; (2015); OLIVEIRA, Kátia Cristina Cavalcante de. (Orgs.). **Reflexões linguísticas e literárias**. Fortaleza: HMB-Shopping das cópias, 2015.

MARCUSCHI, Luis Antônio. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. (org) **Investigando a relação oral/escrito e as teorias de letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

_____; DIONÍSIO, A. P. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

OLIVEIRA, Maria Bernardete Fernandes; SZUNDY, Paula Tatianne Carréra. Práticas de Multiletramentos na escola: por uma educação responsiva à contemporaneidade. **Bakhtiniana**, São Paulo, Ago./Dez. 2014.

PRIMO, A.; RECUERO, R. C. A terceira geração da hipertextualidade: cooperação e conflito na escrita coletiva de hipertextos com links multidirecionais. **Líbero** (FACASPER), v. IX, p. 83-93, 2006.

SCHNEUWLY, Bernard. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. *In*: ROJO, Roxane. CORDEIRO, Glaís Sales. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SOUZA, R. **Você sabe qual a diferença entre emoticons e emojis?** 2015. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/web/86866-voce-sabe-diferenca-entre-emoticons-emojis.htm>. Acesso em: 23 dez. 2016.

Recebido em: 16 de fev. de 2017.

Aceito em: 03 de jul. de 2017.